



## **A INTERPRETAÇÃO SEGUNDO PAUL RICOEUR: UMA REFORMULAÇÃO DO PROJETO HERMENÊUTICO A PARTIR DA POLÊMICA ENTRE A HERMENÊUTICA DAS TRADIÇÕES E A CRÍTICA DAS IDEOLOGIAS, PROTAGONIZADA POR GADAMER E HABERMAS<sup>1</sup>**

*Cristiane Pieterzack<sup>2</sup>*

O filósofo francês Paul Ricoeur, em várias de suas obras, desenvolve discussão hermenêutica a partir da polêmica entre a hermenêutica das tradições, sustentada pelo filósofo Hans-George Gadamer em sua obra *Verdade e Método* e a crítica das ideologias, desenvolvida por Jürgen Habermas na lógica das ciências sociais. Esta pesquisa visa apresentar os principais argumentos que nutriram o debate protagonizado por Gadamer e Habermas e as idéias principais de Ricoeur sobre Texto, Ação e História. Com tal apresentação pretende-se mostrar como ao desenvolver e aprofundar uma reflexão sobre o “ser para o texto”, Ricoeur desenvolve uma hermenêutica menos submetida à problemática da tradição, e por isso mesmo, mais aberta à crítica das ideologias. O método a ser utilizado no desenvolvimento da pesquisa é o descritivo e iniciamos descrevendo o projeto gadameriano onde é afirmada a nossa pertença à linguagem, à tradição e à história. Esta consciência de pertença revela que sempre temos (somos) preconceitos, os quais possibilitam as pré-compreensões. Gadamer, portanto, faz uma apreciação positiva da tradição, da autoridade e do preconceito, como condição de possibilidade da razão, mas com essa apreciação, ele acabou orientando inevitavelmente a filosofia hermenêutica a uma posição declaradamente conflitual em relação à crítica das ideologias. Habermas, por sua vez, critica a hermenêutica das tradições. Em sua abordagem mostra que a ideologia, institucionalizado pela tradição, distorce a comunicação, e, com isso, há uma distorção da ação representativa da autoridade e da tradição. Se a ideologia distorce ou esconde o verdadeiro sentido, o real interesse que está por trás das relações de trabalho, da linguagem, enfim, da comunicação, somente uma abordagem crítica poderia dar conta da questão, desmascarando os reais interesses em ação nas atividades do conhecimento. Ao contrário de Gadamer, que parte de uma relação de pertença, com Habermas surge uma perspectiva de rompimento em relação à autoridade, à tradição, ao pré-conceito, ou seja, uma atitude ativa de crítica da relação de pertença. Paul Ricoeur reconhece a legitimidade da polêmica entre Gadamer e Habermas, ou seja, entre a *Hermenêutica das Tradições* e a *Crítica das Ideologias*, pois cada uma das teorias fala de um lugar diferente. É preciso, pois, observar onde cada um dos autores funda a tarefa hermenêutica. Ora, de que lugares, de qual experiência central, se levantam ambas as partes? Gadamer fundamenta a hermenêutica numa ontologia do diálogo que somos nós. Já Habermas fundamenta a crítica na esfera da ação comunicativa, onde, aliás, se teria perdido a experiência de reflexão ou de auto-reflexão. Por isso a necessidade de uma comunicação sem limites e sem constrangimentos que longe de nos preceder, nos dirigiria a partir do futuro. Um abismo separa, assim, o projeto hermenêutico que coloca a tradição assumida acima do juízo, e o projeto crítico que coloca a reflexão acima do constrangimento institucionalizado. A propósito da polêmica Ricoeur propõe a reformulação do projeto hermenêutico. Qual seria a reformulação da hermenêutica capaz de



dar conta, a partir dela mesma, do questionamento que lhe é dirigido pela crítica das ideologias? A reformulação que Ricoeur propõe é, na verdade, um deslocamento na direção do texto, ou melhor, uma postura diferente diante do texto. Enquanto que, tradicionalmente a relação com o texto era normalmente entendida a partir da mediação de uma subjetividade, agora o que é interrogado participa da própria coisa sobre que interroga. Ricoeur afirma que, ao invés de olhar para trás na direção do autor, olha-se para frente, para o mundo de possibilidades que o texto abre, ou, a serem interpretados diante do texto. Este “distanciamento” liberta o leitor da imediatidade fática conduzindo-o a outras possibilidades. O texto é a mediação, o pretexto, para abrir uma discussão, construir uma nova realidade, compreender-se a si mesmo. Isso afeta as mais diversas relações com o texto que é tido como autônomo em relação ao autor, ao contexto de origem e ao leitor. Na medida em que se reconhece a autonomia do texto, percebe-se igualmente a distância em relação ao leitor. O texto abre uma distância crítica em relação à idéia do leitor. Mas, na medida em que seu conteúdo a ser interpretado é também identificado como possibilidade do próprio leitor, há também uma experiência de pertença ao texto. Isso permite a Ricoeur desenvolver uma reformulação do projeto hermenêutico através da dialética entre a experiência de pertença ontológica e de distanciamento metodológica como chave da hermenêutica. A hermenêutica pode ser crítica pela distanciamento metodológica em relação à tripla autonomia do texto: autor, situação, leitor; e à objetivação do texto: análise estrutural, semântica profunda e referência. E a crítica é hermenêutica porque os interesses não são observáveis, são dissimulados e precisam ser desocultados, interpretados, para serem reconhecidos. A importância da hermenêutica de Ricoeur se dá no fato de que ela revela que há uma “coisa do texto” que se dirige a nós, não automaticamente, mas pela mediação do arranjo formal do texto. A coisa do texto é o “mundo” aberto por ele. A relação com o “mundo do texto” toma o lugar da relação com a subjetividade do autor e do leitor, pois compreender é expor-se ao mundo aberto pelo texto. Aqui se encontra a possibilidade de uma crítica do real e uma crítica das ilusões do sujeito que, levado pela distanciamento a uma desapropriação de si, poderá apropriar-se das propostas de mundo apresentadas pelo texto. A proposta fundamental e relevante é, portanto, a de deixar-se instruir, questionar e conduzir pelo texto.

<sup>1</sup> Tese/Dissertação de Pós-Graduação Stricto-Sensu

<sup>2</sup> Aluna do MINTER